

PREFÁCIO

Enquanto editora ouço frequentemente: "tinha mesmo que escrever e tirar esta ideia da minha cabeça" - é a famosa "necessidade" de escrever que os autores sentem. No caso de Ilda Pinto Almeida no livro que, agora, consideramos como a primeira parte deste¹ a necessidade foi ainda mais forte, o que lhe ocupava espaço, e a oprimia, na sua cabeça era a parte mais dramática da sua vida. Foi um exercício tão complicado, que só o conseguiu fazer na terceira pessoa, de um só fôlego, e entre muitas lágrimas. A catarse funcionou para ela e funcionou para a família. Curiosamente, teve um grande impacto em quem leu, conhecendo, ou não, a autora; foi um livro premiado e granjeou-lhe muitos leitores. Com toda a naturalidade, quiseram saber mais, um pedido que, face à dificuldade de escrita do primeiro livro, foi, sistematicamente, negado.

O tempo, contudo, cura muitas feridas e a autora conseguiu, pela primeira vez, reler e rever "Quando o sol deixa de brilhar", acrescentou textos, imagens, comentários e publicou, em 2020, uma edição revista do livro Esta capacidade de voltar a olhar para o passado veio-lhe, contudo, da inspiração de terceiros. Ao longo dos anos, de diferentes vozes, com diversos sotaques, chegaram-lhe histórias que lhe eram, de alguma forma, familiares. Um dia, deu-se o clique, a história que ouvia era também a sua...

Sempre de bloco de notas na mão foi anotando episódios, memórias, "anedotas" da sua vida. Muitas destas crónicas foram sendo publicadas em revistas e colectâneas, e muitas delas foram premiadas. O súbito compreender de a sua história ser a história de tantos inspirou-a a dar voz a todos, desta vez na

¹ **Quando o sol deixa de brilhar** (edição revista - publicado em 2020 pela Tecto de Nuvens).

primeira pessoa, que é a pessoa que usamos quando falamos de nós. Reuniu todas as suas crónicas, seleccionou as mais emblemáticas e organizou-as cronologicamente.

O subtítulo deste livro de crónicas é "Trajectos - Memórias e Abraços - " e, de facto, todo este livro é um conjunto de trajectos entre o passado e o presente, entre o "lá" e o "cá", o "antes" e o "depois". Por vezes, os trajectos são memórias na sua forma mais pura, quase histórica; outras vezes, são abraços, que é como quem diz, são emoções. É pertinente ver este livro de um ponto de vista cinematográfico, um daqueles filmes que vai saltando no tempo, à medida que as memórias e sentimentos se misturam no tempo e nas personagens. O ponto de partida será aquela mesa ao ar livre, aquele prato de comida e aquele copo de vinho e aquela sensação, tão familiar para aqueles de nós que já viveram umas décadas, de incerteza se a nossa vida e as nossas memórias são de facto reais e, mais importante, se são mesmo nossas...

Compara-se a americaníssima festa do 4 de Julho de antes e a de agora, num turbilhão de sentimentos em que até as coisas mais complicadas se tornaram em pretexto para umas boas risadas. Inevitavelmente as boas recordações levam também às más e dá-se um pulo a "Quando o sol deixa de brilhar" para contexto e depois avança-se de crónica em crónica pelo percurso da Ilda ou de qualquer outra pessoa que tenha partido à aventura. Troque-se o país, troque-se a língua, a década, o nome da ansiedade, e as histórias vão-se colar todas, tal qual se colam os documentos na capa (baseada numa obra que a Ilda, também artista plástica, criou propositadamente como homenagem a este livro e a todos a quem ele representa). Mantenham-se, também, os sotaques e o português de mistura, toque absoluto da genuinidade do que é relatado.

São histórias da emigração/imigração mas, de repente, são muito mais do que isso. Estamos em 2020 ano em que, sem aviso prévio, todos tivemos de abandonar a vida que tínhamos

e partir à procura de uma outra. Todos nós tivemos de aprender a viver com as distâncias dos que amamos, a viver com a saudade e a incerteza. Todos vivemos num país estrangeiro onde ninguém parece dominar a língua e os costumes e onde todos se tentam adaptar. É a vida da máscara que esconde quem verdadeiramente somos, a vida de desconfiança de todos os que se aproximam, a vida de olhar por cima do ombro. Mas é também a vida da esperança e do desejo que o trajecto que iniciámos nos leve para uma vida melhor, que nos permita um dia matar saudades e voltar a abraçar os nossos.

Era um livro só para uns, mas acabou por ser para todos, basta acreditar no arco-íris e que do lado de lá há ouro e que até pode ser "Ouro Azul..."

Teresa Cunha, editora

PORTUGAL O PAÍS DA PARTIDA

Hoje 10 de Junho de um ano esquecido. Dia de Portugal e das Comunidades. Também dia da partida de mais um Ser, ao novo mundo, que o espera com regras e uma cultura distinta.

Às vezes tenho a sensação de que nunca vou saber dizer o porquê da saída.

Quantos de nós partimos, sem saber bem a realidade do que vai fazer, ou até mesmo do que lhe espera.

Tenho a convicção do que vou dizer porque sei do que falo e, porque talvez te tenha acontecido o mesmo.

Talvez, também tu tenhas saído para outro lugar, que não era o teu de escolha predilecto.

Às vezes tenho na mente de que nunca vou conseguir perceber. Por mais que tente, vai ser difícil explicar, provavelmente estarás a pensar o mesmo que eu.

Mesmo que eu consiga reconstruir mentalmente toda essa partida, não conseguirei mostrar esse sentimento. Será que eu ou tu conseguimos entender a razão? As razões nem sempre são assim tão objectivas com o passar do tempo.

Ali estava um Ser à espera de passar. Havia apenas uma linha divisória, de cor amarela escuro, que separava os dois mundos, ou, quem sabe, um pequeno cubículo com outro ser fardado. Era só esticar a perna. Parecia tudo tão fácil! Havia simplesmente um tracejado contínuo a separar, ou um outro espaço qualquer para atravessar. E se

AS MEMÓRIAS

As memórias são importantes não só como registos biográficos, mas sem a memória de um passado, não existe um presente nem um futuro totalmente revestido, pois seria como andar numa viela espinhosa sem sapatos. Mas estes registos ainda se tornam mais importantes contados pelos próprios. É como uma pulga a saltar no mais íntimo do seu habitat. Será portanto, o melhor registo do caminho percorrido de um ou mais emigrantes, deixando o seu registo pessoal que será mais completo, mais rigoroso, do que aqueles que os queiram biografar em outros lugares, especialmente no que a mim diz respeito.

Serei o mais exacta possível no que me toca a mim, pois nem sempre fica tudo dito porque a memória já vai longe, ou porque há coisas que são demasiado íntimas para serem reveladas. Não serão também tão escrupulosos os apontamentos mais antigos de outros, pelo menos no caso de alguns aqui revelados que também eles saíram para encontrar um pouco mais de fartura.

A palavra emigrante é uma palavra pesada por si só, pois carrega com ela, uma dura vivência de um testemunho de vida totalmente diferente de todo aquele que sempre conviveu e cresceu apenas com a terra mãe.

Eu mesma não gosto da palavra emigrante, porque a sinto como um rótulo pregado na minha pessoa, como

que, denunciando que sou diferente, um bicho raro que fala com sotaque ou até veste ligeiramente mais alegre ou mais despreocupado e, tudo apenas porque tiveram a audácia de sair à luta tornando-se, sim, em portugueses residentes no exterior.

TRAJECTÓRIAS

Foi em 1975 quando o primeiro dos irmãos Pinto veio para os Estados Unidos da América, e levou dez anos para que o segundo se juntasse ao primeiro, que veio por casamento, fugindo à tropa que nessa época era obrigatória. Luís pediu uma licença para se ausentar do país por um mês, o que lhe foi concedido.

Ao encontrar-se já na cidade de Newark, NJ, recebe um convite de fim-de-semana para ajudar no restaurante do tio de sua esposa. Aceita e vê o seu trabalho renumerado, sem contar.

Recusa! Mas o senhor insiste e ele acaba por aceitar. Ao abrir o envelope, qual foi o seu espanto! Tinha conseguido mais dinheiro em dois dias do que tivesse trabalhado o mês inteiro na terra. Mas, não convencido com este montante, resolve enfrentar o senhor. Primeiramente agradece o presente do envelope e, ao mesmo tempo regado de franqueza, pergunta quanto seria o salário se por acaso resolvesse ficar e lhe desse trabalho. A circunstância daquele momento mudou-lhe os planos e, já fez mais de quarenta anos que adoptou a América do Norte como sua também abraçando e deixando-se abraçar pelos costumes.

O país tinha assistido à revolução dos cravos. Ainda estava no namoro da liberdade de um Portugal que saía de

QUANDO PARTISTE

Trinta e quatro anos passados e ainda tenho gravado na memória aquele jovem de apenas vinte e seis anos de idade, louro, alto, de olhos verdes, à espera do autocarro para a partida que seria a primeira de muitas.

Lembro-me daquele dia de Outono de 1982 como se fosse hoje! O sol brilhava envergonhado por entre as nuvens do céu, numa tarde de temperatura amena.

José vestia uma calça de fazenda-flanela de cor camel, uma camisa também de flanela xadrez acastanhada e um pulôver de malha azul-marinho que tinha por desenho uma trança larga em vertical que dividia o centro da camisola. Esta tinha um significado especial pois tinha sido feita por sua mãe que lha ofereceu pelo seu aniversário. Vestia um casaco cabedal verde-azul lindíssimo que eu lhe dei de presente no ano anterior, o que lhe dava um toque muito especial.

Tinha casado no final do ano de 1979, no Outono. Namorámos alguns anos antes de contrair matrimónio. Éramos bastante jovens e cheios de sonhos.

Este era o primeiro afastamento entre nós, separava-se da esposa e da filha de dois anos, em busca de uma vida melhor como tantos outros que saíam e saem do país.

José era mecânico desde que tinha catorze anos de idade, nunca foi estudar, apenas tinha a quarta classe. Dizia que não teve oportunidade porque vivia longe da cidade e seus pais não podiam sustentar o pagamento de

SUÍÇA, 1983-1985

Foi em 1984 que fiz a viagem, também eu de autocarro, até à tal terra que nos daria a liberdade financeira. Decidimos que seria melhor estarmos os dois juntos indo à procura de um sonho. Esse sonho de chegar que se encontrava tão distante, deixando a menina com os avós.

Durou pouco tempo para que fosse caçada pela emigração, fui presa como uma criminosa e enviada para o meu país junto com o meu esposo e a minha menina, que também já estava conosco. Tudo isto aconteceu pela denúncia feita por um primo afastado do José e seus amigos, que me denunciaram às autoridades sobre a minha condição de ilegal na cidade de Genebra.

Foram pouco menos de dois anos vividos na Rue des Grottes 6 Bis, no verdadeiro estatuto da palavra. Dormíamos no mesmo quarto, cozinávamos na mesma cozinha e usávamos a mesma sanita que dava para várias pessoas. Caminhávamos vários quilómetros para chegar ao trabalho porque tínhamos medo de usar o *bus*, mesmo tendo *une carte client pour le réseau urban* e pagássemos sessenta francos suíços por mês, esse medo de sermos interceptados pela polícia era assustador.

Atravessávamos a *Pont du Mont Blanc* duas vezes ao dia. Caminhei tanto que enchi os pés de calos ao ponto de ter que usar umas socas no inverno por causa das feridas. Trabalhava nessa altura na *Clinique Bois Gentil* onde fui

Índice

PREFÁCIO	5
PORTUGAL O PAÍS DA PARTIDA	9
A SAUDADE	12
AS MEMÓRIAS	13
NO MEIO DAS GRAÇOLAS	15
OCEAN GROVE	23
TRAJECTÓRIAS	31
<i>O ADEUS QUE NUNCA FOI DITO</i>	35
QUANDO PARTISTE	41
IMIGRANTE PELA PRIMEIRA VEZ	49
SUÍÇA, 1983-1985	53
<i>New Jersey, 1985-1986</i>	67
TERRA NOVA	71
NA CHEGADA AO DESTINO	79
SAUDADES	88
ANEXOS	89-96
Sobre a autora	97
Índice	101